

EDUCAÇÃO E BOM SENSO¹

Irene Skorupski Saraiva²

O presente trabalho tematiza sobre o que é necessário para ser um bom professor. O candidato deverá estar atento ao contexto, eternamente em mudanças, ao aluno, com seus interesses, necessidades e subjetividades; exercer uma ação metodológica eficaz; dominar os conteúdos que serão abordados; manter uma atuação política coerente com a sua visão de humanidade e entender o bastante de psicologia para aceitar que, às vezes, tudo isso é pouco e não surte o resultado desejado.

¹ Trabalho apresentado na disciplina de Teoria e Sistematização do Ensino, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo – RS

² Professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação; mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação Educação da Universidade de Passo Fundo.

INTRODUÇÃO

O homem não nasce pronto, feito. Ele se faz nas relações com os outros homens e com o meio em que vive. (Selina Dal Moro, 1998)

Ao ouvir essas palavras no encerramento de um encontro de professores estaduais para estudo dos Parâmetros Referenciais de Currículo (PRC), no qual se havia trabalhado a educação de jovens e adultos, senti algumas conexões neuronais acontecendo. Tive um vislumbre...

De repente, todos aqueles conhecimentos que giravam esparsos no meu cérebro, advindos de várias atividades diferentes da vida profissional se juntaram como que num conhecimento único. Num segundo, ficou clara a relação entre as leituras e discussões realizadas no semestre passado e neste, na disciplina Teoria e Sistematização do Ensino, e as várias tarefas que enfrento no momento atual: a formação de professores no curso de Pedagogia - Séries Iniciais; a formação em serviço de professores, através da Extensão (PRC - Projeto Alfabetização Solidária e Alfabetização e Cidadania / Piá 2000) e por meio dos projetos de pesquisa, como A Teoria e a Prática no Cotidiano dos Professores e o próprio projeto de pesquisa do curso de mestrado. Diante da verdade das palavras ditas pela professora Selina, pareceu-me muito simples desenvolver este trabalho, que pretendo expor talvez não da forma mais acadêmica, mas, pelo menos, organizada.

Centrarei minha atenção na educação de jovens e adultos que, presentemente, é nosso alvo de interesse.

O CENÁRIO

o mundo em que vivemos

A ação consciente do homem permitiu as transformações materiais, sociais e éticas pelas quais a humanidade passou em sua evolução. O homem, pensando, agindo, voltando a pensar sobre a sua ação para voltar à prática, conseguiu arrancar da terra tudo o que enxergamos à nossa volta e que denominamos de *progresso*. Conseguiu, também, transformar-se, educar-se, criar as religiões, as artes, as organizações sociais e políticas que regem a sua própria vida, para o seu bem e para o seu mal. A união entre a teoria e a prática permitiu que tudo isso acontecesse.

O tipo de sociedade na qual se vive hoje é marcadamente capitalista e dividida em classes sociais que se reproduzem intra e interpaíses. Há uma classe que domina os meios de produção e, portanto, o capital, a qual, para continuar como classe, precisa dominar também o conhecimento; e outra, a dominada, à qual cabe executar as decisões da primeira. Essa divisão de tarefas da humanidade se reproduz nas dicotomias trabalho intelectual e braçal ou manual, o saber e o fazer, a teoria e a prática, e é altamente prejudicial e injusta, pelo menos para a classe espoliada de bens culturais e materiais.

A escola é uma instituição capaz de reverter esse quadro, quando dá acesso ao conhecimento às pessoas de classes menos favorecidas. A respeito, Jurjo Torres Santomé faz uma crítica à instituição escolar por sua ineficiência, dizendo textualmente:

Se há uma crítica comum e reiterada ao longo da história das instituições educacionais é o de que elas selecionam, organizam e trabalham com conteúdos culturais pouco relevantes, de forma nada motivadora para os alunos e alunas e, portanto, com risco de perder o contato com a realidade na qual se encontram. Nesses modelos, as situações e problemas da vida cotidiana, as preocupações pessoais, costumam ficar à margem dos conteúdos e processos educativos, fora das paredes das salas de aula e das escolas (1996, p.58).

Poucas críticas são tão precisas, econômicas e antigas.

Para modificar esse estado de coisas, são sugeridas várias estratégias didáticas ao longo do século. Todas giram em torno de três argumentos principais:

- a) maior inter-relação entre as diferentes disciplinas ou matérias (interdisciplinaridade);
- b) atenção aos aspectos psicológicos do aprendiz, principalmente aos cognitivos e afetivos;
- c) necessidade de considerar-se a comunidade em que a escola se integra, bem como de estudar outras comunidades, uma vez que fazemos parte de uma "aldeia global".

São tentativas mais ou menos felizes, mais ou menos eficazes, de superação da fragmentação existente no sistema educacional, que tem sua raiz nos modelos políticos que promovem a dominação de algumas pessoas sobre outras. São tentati-

vas, também, de estabelecer vínculos com a realidade dos educandos, de tornar o saber escolar parte integrante da vida das pessoas.

Deixando de lado importantes considerações sobre o assunto, fixamo-nos em alguns aspectos que consideramos essenciais.

Não se pode esquecer que a escola educa para além dos conteúdos curriculares e que contribui, em muito, na construção de maneiras de pensar, atuar, perceber e falar acerca da realidade. É dentro da escola que aprendemos a interpretar e valorizar a realidade; nela, são formadas as atitudes com relação ao mundo que nos rodeia, incluídas aí tanto as relações ecológicas quanto as relações sociais. Devemos estar conscientes também de que educar é uma ação política. Essa idéia se choca com a aparente neutralidade da escola, que sempre favoreceu o *status quo*.

Estudar hoje, entretanto, é diferente do que foi estudar no início deste século. As exigências são outras e prendem-se essencialmente ao tempo e à diversidade de conhecimentos.

No início do século, quando os bondes ainda eram puxados por burros e os jornais chegavam com meses de atraso às cidades do interior, ler era importante, mas não era um ato tão exigente quanto nos dias atuais.

Vivemos num mundo em movimento. Tudo se modifica com muita rapidez, e até as palavras são móveis nos letrados, nos visores, nos filmes. É preciso ler com rapidez e variados tipos de textos. O volume de informações que nos chega diariamente pelo correio é enorme. Se lêssemos tudo e devagar, como se fazia no início do

século, passaríamos o dia só lendo a correspondência que nos chega pela manhã.

As exigências em termos de escrita também são diferentes. Antigamente, escreviam-se missivas e documentos. Hoje, até pedidos de emprego exigem preenchimento de formulários. Em vez de "penas" para escrever, hoje digitamos. Não precisamos de fórmulas feitas, boa letra e correção ortográfica, mas de rapidez em compor textos diversificados e objetivos.

Antes, o saber escolar era imutável, repassado, e deveria ser suficiente para o desempenho do cidadão por toda a sua vida. Depois da descoberta da lei da relatividade, o que temos de fazer é aprender a aprender, porque informações novas e, às vezes, contraditórias, surgem diariamente.

A concepção de escola e de aula mudou com a passagem crescente da economia rural, baseada na agricultura e pecuária, para a economia urbana, centralizada na indústria e no comércio. A escola teve de ajustar-se às novas exigências do mercado e iniciar a domesticação para as fábricas e lojas pelo cumprimento de horários e tarefas rotineiras.

Para que o fazer pedagógico cumpra com suas finalidades nesse cenário de novas mudanças nas relações sociais, econômicas e ecológicas, o professor precisa ficar atento às novas necessidades de quem aprende, ao seu fazer pedagógico e, mais, à sua ação política.

OS PROTAGONISTAS

O professor

O professor vive as duas condições: de opressor e de oprimido. É opressor quando é antidemocrático, quando não olha

para a realidade e para as necessidades dos alunos, quando ameaça, castiga, pune pela nota os atos de liberdade. É oprimido por sua condição social e quando não pensa; quando age executando o que outros pensaram, repassando conteúdos sem finalidade prática, textos densos de ideologia, quando é acrítico.

Para sair desse círculo vicioso, o professor deve, antes de tudo, olhar a própria prática; deve analisá-la criticamente, procurando observar para que lado ela é útil. Isso implica o posicionamento político, implica a percepção de um mundo diferente, em que os homens, todos, possam ser donos do seu tempo, do seu destino, vivendo em comunhão e colaboração. Não é necessário que se reproduzam as condições atuais de injustiça social, mas pode-se melhorar o mundo em que se vive. Ele deve procurar o currículo do bom senso, que é capaz de formular, apesar de já andar desacreditando de si mesmo por dar ouvidos ao que os outros dizem.

O professor precisa recuperar a confiança em si, percebendo-se como alguém capaz de exercer bem o seu papel, com conhecimentos e experiência bastante para fazê-lo, e utilizando a própria cabeça para pensar. Afinal, ele exerce uma atividade intelectual e precisa conscientizar-se da importância de seu trabalho. Ele auxilia na formação da personalidade da criança, do jovem e do adulto. Ele é o modelo de comportamento de muitos alunos e, por isso, tem de decidir que tipo de homem quer formar, com que valores, com que características... para que tipo de sociedade.

O aluno

No processo de "humanização" ou "hominização" do homem, isto é, na procura das pessoas por algo que as identifique com o restante da humanidade, ou, pelo menos, com o ideal de humanidade que imaginamos, o homem coloca o conhecimento como meta, já que este é inerente ao gênero humano, constituído por seres racionais. A aquisição desse conhecimento inicia-se pelo processo de alfabetização.

A educação de adultos tem sido esquecida pelas políticas educacionais do país. No rateio dos recursos, é sempre a última a receber alguma coisa e a primeira lembrada no caso de cortes orçamentários. É uma educação que denuncia as falhas do sistema educacional brasileiro, pois sempre sobram analfabetos que, tendo passado por escola, ou não, não aprenderam os rudimentos da escrita. Como falha, procura-se evitar e/ou esconder.

É uma educação pobre para pobres. Quem são os adultos analfabetos?

O analfabetismo é quase sempre ligado ao fator econômico. Porque é pobre, o homem precisa antes trabalhar que estudar; mora longe de escolas e cidades, não tem material de leitura, motivação - ou necessidade - pela atividade que é obrigado a desempenhar. Se estudou, provavelmente, pouco aprendeu, e desistiu da escola por ver que aqueles ensinamentos escolares não seriam úteis em sua vida. É empurrado por preconceitos para a sua condição de pária e, muitas vezes, não sai mais dela.

É a faxineira, o peão de estância, o sem-terra, o biscateiro, o ronda, enfim, aquele que faz os serviços mais pesados, sujos e malremunerados, tanto nas cidades

como no campo. Quando conquista os "direitos" trabalhistas, o emprego desaparece. Alguns há que enfrentam a fadiga após um dia de trabalho cansativo e malpago; mal-alimentados, mas, movidos pela vontade de uma vida melhor, vão para a escola. Se moram no interior, provavelmente, com sorte, beneficiar-se-ão de algum curso de alfabetização que não lhes certifica nada, só lhes dá algum conhecimento. Se moram na cidade, talvez encontrem, próximo às suas casas, um curso que dê acesso ao supletivo, por meio do qual poderão dar continuidade aos estudos.

São todas as pessoas que ficam na dependência de alguma campanha realizada por órgãos públicos ou ONGs. Seus professores não são preparados para esse trabalho já que não existem disciplinas ou terminalidades que contemplem a especificidade desse tipo de educação. Muitas vezes são *educadores comunitários*, isto é, professores leigos. As escolas são as mais pobres porque situadas na zona rural ou bairros. Às vezes, nem são escolas, mas clubes, residências particulares, canteiros de obras ou nas indústrias onde os operários trabalham. Já vimos locais de funcionamento tão precários que os alunos se sentavam em bancos coletivos, escrevendo no colo, à luz de um lampião que balançava com o vento (não havia portas ou janelas), com quadro-de-giz minúsculo e em péssimo estado. O currículo desses cursos fica limitado ao conhecimento, muitas vezes deficiente, da professora e aos limites estreitos daquilo que ela considera essencial. Em alguns casos, o material escrito limita-se a uma cartilha infantil, desatualizada, que sobrou na escola.

A esses alunos não se oferecem noções básicas de organização, cooperativismo e administração, mas um treinamento mínimo para o trabalho, como técnicas agrícolas, mecânica ou corte e costura.

É imperativo repensar e atualizar esse tipo de educação. Especialmente a educação de adultos tem a ver com a população adulta em geral. Fala-se tanto na educação continuada. Como podemos considerá-la sob o aspecto limitante só de alfabetização ou de educação básica? Como considerá-la fora da instituição escolar? Não é a escola o local onde se educa? Também a educação não precisa ficar limitada à escola, mas pode e deve utilizar-se de todas as instituições sociais, como bibliotecas, museus, meios de comunicação de massa, teatros, cinemas...

O adulto que educa adulto também precisa de educação permanente a fim de rever-se em sua prática, de atualizar-se de melhorar a sua ação educativa.

A metodologia

A expressão *relações com os outros homens*, das palavras da professora Selina, aponta para ações metodológicas que tenham por princípios a interação e o diálogo. O educador Lev Vygotsky reafirma esses princípios nas palavras: "O desenvolvimento cognitivo do ser humano não é autônomo, está intimamente relacionado ao contexto histórico e ao ambiente sócio-cultural" (1991, p. 142).

Paulo Freire (1979) confirma a assertiva dizendo: "Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, o homem se educa em comunhão", e defende, ainda, a dialogicidade como fator primordial nessa

interação. O homem, se educado no sentido de ser social, tem a fala como elemento importante nesse processo. Os linguistas nos alertam com relação a isso desde a década de 1930, lembrando que a fala organiza o pensamento e, por consequência, a própria vida das pessoas, além de desenvolver o raciocínio pelo domínio do vocabulário e pelas relações que permite estabelecer, promovendo a troca de conhecimento. Por todos esses motivos, a fala é importante. Fazer um adulto falar não é fácil, pois implica processos subjetivos, o problema da auto-imagem, o medo do erro e do ridículo, a própria situação de dominado... Reverter esse processo é uma das tarefas mais importantes do professor e supõe um trabalho persistente.

É importante também que o fazer pedagógico seja democrático. O professor que planeja participativamente com seus alunos tende a privilegiar o interesse desses, tornando o ato pedagógico eficaz, pois com motivação há aprendizagem.

A palavra, como símbolo, tem um papel fundamental na vida humana, no seu desenvolvimento psíquico, porque torna os homens capazes de evocar e trabalhar mentalmente com objetos ausentes. Torna possível a existência de uma outra realidade, virtual e simbólica.

O leitor da palavra se transforma por meio da linguagem escrita, que só é válida se tomada em determinado contexto e num determinado tempo.

Diante do exposto, percebemos quanto o referencial de Paulo Freire e de Álvaro Vieira Pinto, dois brasileiros que pensaram a educação de adultos na década de 1960, continua atual. Por isso, vale a pena revisita-los. Ambos enfatizam a necessida-

de de uma leitura crítica de mundo, que Freire explicita desta forma: “[o homem] quanto mais refletir sobre a realidade, sobre uma situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” (Freire apud Braggio, 1992). E vai além, sugerindo que sejam levantadas as problemáticas da realidade por meio de temas geradores, que serão, assim, instrumentos poderosos no processo educacional.

Por muito tempo, Paulo Freire foi o único educador brasileiro a orientar a educação de adultos, ainda que indexado pela revolução de 64. Com o passar do tempo e a divulgação das pesquisas de Ferreiro e Teberosky, seu método de alfabetização caiu em descrédito por recomendar um procedimento mecânico no processo de ensino das primeiras letras. Em defesa do autor, temos a dizer que ele lançou mão do que havia de melhor em sua época, o método da palavração, pelo qual uma palavra significativa para os alfabetizandos era decomposta em famílias silábicas; essas, reagrupadas, davam origem a novas palavras.

Atualmente, na alfabetização e pós-alfabetização de jovens e adultos, dá-se preferência a uma metodologia que alfabetize pela produção de textos. Esses não são formulados como uma transcrição da fala, mas como, de fato, uma representação visual da linguagem, que, para existir, precisa do suporte de palavras, as quais, por sua vez, são constituídas por letras. O suporte teórico atual é a concepção sociopsicolingüística/interacionista da educação. Por trás dessas idéias, encontramos a lingüística, com importante contribuição, e as idéias de Jean Piaget e Lev Vygotsky, com mais relevo, entre outros.

A sociedade deve oferecer oportunidades para que os homens desenvolvam o seu pensamento, e a escola é o *locus* adequado onde isso deve se concretizar. Essa deve estar atenta para as questões do cotidiano, pois é na vivência que as pessoas buscam as respostas para os seus problemas; deve antecipar as habilidades cognitivas que serão necessárias ao bom trânsito de seus alunos nas diversas facetas da vida moderna, tanto no âmbito doméstico como no sociopolítico ou no do trabalho, independentemente de viverem na zona rural ou urbana.

Também as atitudes e os valores são importantes nesse contexto, principalmente os relacionadas à sua auto-imagem e à sua sociabilidade. Comunicar-se com segurança deve ser um dos objetivos do trabalho escolar que mais contribuirão nesse sentido. Nesse ponto, são importantes os aspectos teóricos levantados por Vygotsky, Luria e Yudo-vich e Hickman. Esse último adotou um enfoque metodológico funcional e atualizado, ideal, portanto, para o homem descrito.

Pinto aponta (1982) um fator importante para que a educação, de maneira geral, efetive-se com êxito: a capacitação do educador. Diz, textualmente:

A capacitação docente do educador se faz por duas vias: a via externa, representada por cursos de aperfeiçoamento, seminários, leitura de periódicos especializados, etc...; e a via interior, que é a indagação à qual cada professor se submete, relativa ao cumprimento de seu papel social. Uma forma em que se pratica com grande eficiência esta análise é o de-

bate coletivo, a crítica recíproca, a permuta de pontos de vista, para que os educadores conheçam as opiniões de seus colegas sobre problemas comuns, as sugestões que outros fazem e se aproveitam das conclusões destes debates.

E conclui: “A condição para este constante aperfeiçoamento do educador não é somente a sensibilidade aos estímulos intelectuais, mas é sobretudo a consciência de sua natureza inclusa como saber” (idem).

O professor Oswaldo Alonso Rays, em seu texto “Para uma didática escolar crítica”, chama atenção para o compromisso político do ideário e da prática pedagógica para que, por meio da educação, possa-se lutar contra as injustiças das sociedades capitalistas de tendência neoliberal. Empenha-se em mostrar a necessidade de uma didática escolar crítica que auxilie na compreensão não só dos processos psicológicos envolvidos na educação, mas, também, dos condicionantes sociais dessa, constituintes da dimensão histórico-crítica do ato educativo.

Diz o autor textualmente: “Em contraposição à dimensão meramente instrumental, ou seja, à dimensão não crítica da didática escolar, desprovida de senso histórico, a didática escolar crítica entende que todo ato educativo tem especificidade própria e varia conforme as circunstâncias do contexto histórico em que o mesmo ocorre” (Rays, 1997, p. 80).

Para que isso aconteça, é necessário que os procedimentos de ensino não ocultem e não evitem as contradições sociais que existem no processo educativo, propondo-se que se adote o *método da contradi-*

ção, o qual se constitui no núcleo principal da dialética. Essa ação didática deve ser coerente e coesa, unindo o ato político e o ato pedagógico de forma integrada. O professor Rays arrola vinte notas para a construção da didática escolar crítica, com as quais concordamos plenamente e apontamos como básicas para o desenvolvimento de um trabalho docente eficaz e comprometido com a mudança social.

O mesmo autor, em outro texto, “Acepção e função da aula no mundo contemporâneo”, traz, resumidamente, uma proposta de princípios que consideramos de máxima importância para esse trabalho de conscientização política, alguns dos quais já adotamos em nossa metodologia de trabalho. Por sua relevância, transcrevemos aqui:

- a) educação política, pedagógica e científica dos alunos;
- b) preocupação com a qualidade do conhecimento científico, que é transformado em saber escolar pelo fazer pedagógico;
- c) estabelecimento de vínculos correlacionais entre o saber escolar, a vida social e áreas de conhecimentos afins;
- d) reprodução crítica do conhecimento e criação de condições reais para a reelaboração pessoal do mesmo;
- e) assimilação crítica do saber sistematizado pelos currículos escolares;
- f) consolidação e aprimoramento do saber escolar trabalhado dentro e fora da sala de aula;

- g) desenvolvimento de habilidades e hábitos que promovam o surgimento de atitudes crítico-criativas sobre o mundo escolar e o mundo social, com vistas à formação do pensamento-ação independente;
- h) entendimento do aluno como sujeito biofísico, psíquico e social;
- i) provocação da mediação entre o sujeito que aprende e o objeto do conhecimento, a troca de essências atitudinais, conhecimentos e convicções, bem como a interpenetração entre o saber cotidiano (saber-doxa) e o saber científico (saber-episteme);
- j) aplicação de conhecimentos, habilidades e convicções na resolução de problemas postos pela realidade escolar e pela realidade social;
- l) desafio permanente às estruturas cognitivas dos alunos e, enfim, respeito às diferenças individuais (incluindo aí a história sociocultural do aluno) e ao coletivo da sala de aula.

As considerações sobre a metodologia adequada ao trabalho com jovens e adultos ficam aqui incompletas, pois dela estão ausentes alguns aspectos relativos aos conhecimentos de lingüística e psicologia, principalmente. Outros se encontram, de forma indireta, relacionados na proposta transcrita acima, mas o que se quer, realmente, é evidenciar a necessidade de um olhar mais amplo sobre o homem que se quer formar. Os objetivos que visam

à formação do homem devem transcender a nossa visão, até agora limitada aos conteúdos escolares. Se conduzirmos nossa ação no sentido de despertar nele uma visão crítica de mundo, essa o conduzirá a uma ação mais afetiva sobre seu próprio destino e, em consequência, da sociedade em que vive.

CONCLUSÃO

Como é complicada a função do professor!

Ele deve trabalhar com um olho na realidade e outro no aluno, fazendo o vínculo entre o real e o interesse de cada um para que a aprendizagem se efetive. Não podemos nos esquecer do aspecto cognitivo do seu trabalho, procurando, ao mesmo tempo em que esse desenvolve o raciocínio e as habilidades comunicativas, dotá-lo dos conhecimentos necessários para o bom desempenho num mundo em mudança.

Há de se ter todo um cuidado com o aspecto político das relações, aspecto esse esquecido por tanto tempo em nossas salas de aula e tão importante para que alcancemos um mundo melhor, mais justo.

Como pano de fundo de todas essas preocupações pedagógicas que envolvem os aspectos científicos e políticos da questão, não podemos esquecer que estão as subjetividades dos sujeitos da aprendizagem: alunos e professor.

Isso quer dizer que de nada valem todos esses conhecimentos teóricos se não conseguirmos efetivá-los na prática, por uma intervenção que trabalhe bem os aspectos psicológicos que estão imbricados com essa questão. Entram aí processos que fogem ao alcance do professor porque cada

ser é um somatório de experiências diversas que vão se acumulando ao longo do tempo. Apesar disso, ele sabe que é o responsável pela empatia que deve se estabelecer nessa relação. Se não houver uma certa cumplicidade entre professor e cada um dos alunos, também a aprendizagem não acontece. E nesse aspecto todos os alunos reagem da mesma forma, não importa se adultos ou crianças.

ABSTRACT

This work approaches subjects about what is necessary to be a good teacher. The applicant must be attentive to the eternally changing context, to the student with his or her interests, needs and subjectivities. The applicant must also exercise an efficacious methodological action, master the contents which are approached, keep a political actuation coherent with its vision of humanity, and understand enough about psychology in order to accept that, sometimes, all this is little and does not work out the expected result.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGGIO, Lúcia Bigonjal. *Leitura e alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre educação de adultos*. São Paulo: Cortez 1982.
- RAYS, Oswaldo Alonso. Para a construção de uma didática escolar crítica, In: Vidya, v. 16, n. 28, julho/ dezembro de 1997.
- _____. Acepção e função da aula no mundo contemporâneo. In: MARCON, Telmo (Org.). *Educação e universidade: práxis e emancipação*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. *A instituição escolar e a compreensão da realidade: o currículo integrado*. 1996.
- VIGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Michael Cole...[et al.] (Org.); tradução: José Cipolla Neto... [et al.] – 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.